

Falta antibiótico nos

Jornal de Brasília

hospitais do DF

Vânia Rodrigues

Acabou todo o estoque de antibióticos injetáveis da Fundação Hospitalar (FHDF). Se um paciente chegar hoje com uma doença grave a qualquer um dos hospitais públicos, corre sério risco de vida, porque nenhum deles dispõe deste tipo de medicamento. O mais grave, porém, é que, além da Farmácia Central da FHDF não ter estoque para reabastecer os hospitais, o secretário de Saúde, José Riche-lieu, não tem previsão de quando vai conseguir liberação de recursos para a aquisição dos antibióticos. "Não adianta esconder a verdade. Está mesmo faltando os medicamentos básicos e vários tipos de materiais cirúrgicos. Estou tentando repor o estoque, mas está muito difícil", diz o secretário.

Além dos antibióticos como Ke-frim, Ofolodina, e Caromissina, os hospitais não dispõem de analgésicos injetáveis como Dipirona ou de Plasil. A Farmácia Central também só tem de soro glicosado para abastecer a rede por mais três dias, e ainda está faltando uma série de materiais cirúrgicos. Entre eles, a seringa descartável de 3 ml para a aplicação de injeções musculares, mangueira para soro, atadura gessada, coletor de urina, sonda para nutrição e cânula indotrônquial (sonda para retirar coágulo de sangue).

Situação

A situação nos hospitais, de acordo com os diretores regionais, só não está mais grave, porque, com a greve dos servidores de nível

médio da FHDF, praticamente foram suspensas todas as cirurgias. Além disso, segundo eles, os ambulatórios não estão funcionando. "Se o atendimento nos hospitais estivesse no seu ritmo normal, com certeza não teríamos mais soro glicosado, seringas, sondas e vários medicamentos imprescindíveis para o atendimento", afirma Ilton Barroso, vice-diretor do Hospital Regional da Asa Norte. Ilton resalta que, mesmo com o funcionamento parcial, o estoque destes produtos só deve ser suficiente para os próximos três dias. "Já encaminhei os pedidos, só não sei se eles serão atendidos", diz o vice-diretor do HRAN.

No Hospital Regional de Taguatinga, a situação não é diferente. Cícero Alves, diretor da clínica explicou que o estoque está abaixo

da crítica. "Felizmente ainda não tivemos que deixar de atender os casos emergenciais" mas já estamos usando a criatividade para "clínica", Cícero acrescenta que neste momento o problema mais sério dos hospitais é a falta do antibiótico injetável. "Este tipo de medicamento é fundamental para o tratamento de doenças graves, e não existe substituto para ele.

Já no Hospital Regional da Asa Sul, a situação é um pouco melhor. Uma funcionária da farmácia, que não quis se identificar, comentou que o estoque de soro e de seringas que estava acabando foi repost ontem. Ela acrescentou que faltavam também vários tipos de materiais cirúrgicos, mas ainda não podia confirmar se todos eles estavam chegando na remessa de ontem.

Farmacêutico debate venda

Os Conselhos Regionais de Farmácia de todo o Brasil se reúnem hoje, no Carlton Hotel, para discutir o "Projeto Inovar" do Ministério da Saúde, que pretende desburocratizar a fabricação e comercialização dos remédios. Os farmacêuticos, no entanto, já adiantaram que têm sérias restrições ao programa, temendo que ele acabe com o sistema de fiscalização na distribuição dos medicamentos e com a rigidez do controle de qualidade e seleção dos novos produtos.

Eliane Cunha, vice-presidente do Conselho Regional de Farmácia do DF, explicou que a simples apro-

vação deste projeto já liberaria a entrada de pelo menos mais 3.500 remédios no mercado. "A liberação destes produtos não foi efetivada porque eles são desnecessários", enfatiza. Eliane acrescenta que todos estes 3.500 remédios já existem no mercado com outro nome. "A mudança de embalagem e nome só servirá para estimular a automedicação e os hipocôndriacos, que vivem atrás de novidades", justifica.

Do encontro, que encerra amanhã, os farmacêuticos vão tirar um documento que será enviado ao Ministério da Saúde, solicitando a revisão do projeto. (V.R.)